

MINISTÉRIO DO INTERIOR - SUDECO  
FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS - FIPE

RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO DA SITUAÇÃO IRANXE

Rinaldo Sérgio Vieira Arruda

Novembro  
1983

Í N D I C E

	Pág.
I . INTRODUÇÃO .....	083
II . IRANXE - CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA - TERRA .....	085
III . IRANXE - CARACTERÍSTICAS GERAIS, POPULAÇÃO E SAÚDE ..	089
IV . SAÚDE .....	094
V . ATIVIDADES PRODUTIVAS E AUTONOMIA POLÍTICA .....	096
VI . EDUCAÇÃO .....	100
VII . ATUAÇÃO DA MISSÃO ANCHIETA .....	102
VIII. ALOTEZU RESERVA DE TIREOATINGA .....	109

## I . INTRODUÇÃO

Os Iranxe, grupo indígena de família linguística isolada, se localizam hoje em dia em duas reservas, ao norte do Estado de Mato Grosso: uma delas na região do Rio Cravari, próxima à reserva de Tirecatinga e da sede da Missão Anchieta em Utiariti, na altura do paralelo 13° e, a outra, às margens do Rio Papagaio, mais ao norte perto do paralelo 12°, colada à área indígena Salumã, nomeada área indígena Menkú (auto denominação dos Iranxe).

Visitamos a primeira dessas reservas e a sede da Missão Anchieta em Utiariti, rapidamente, ficando apenas três dias na reserva e um dia em Utiariti.

Os Iranxe foram contatados pela primeira vez no início do século por seringueiros que os atacaram, matando muitos índios e queimando suas malocas. Encontrados por Rondon em 1909, aceitam sua mensagem de pacificação e passam desde então a fazer visitas esporádicas à estação telegráfica de Utiariti. Rondon e mais tarde Max Schmidt em 1928, se referem a eles como dóceis e até mesmo tímidos, adaptados ao trabalho.

Sua área tradicional, descrita por Rondon, se localizava na região que compreendia o vale do Rio Cravari, o vale do Rio Papagaio e do Rio Buriti, na parte baixa desses rios, entre os paralelos de 13° e 13°30' e meridianos 14°46' e 15°15' ao Oeste do Rio de Janeiro.

Acossados pelos Beijos de Páu, vizinhos ao leste e pelos Salumã mais ao norte, que frequentemente os atacavam, passam a estreitar contato com os "civilizados" representados pela Missão Anchieta desde 1932, pelos seringueiros da Companhia Seringueira Utiariti, pela Inland South American Missionary Union (ISAMU) e pelos funcionários do Posto Indígena Major Libânio Coluizorecê, mais conhecido como Posto Tolosa, que funcionou de 1945 até 1970 quando foi desativado pela Funai.

No entanto, até 1947 mantinham suas aldeias isoladas, preservando, apesar do contato, suas formas tradicionais de vida comunitária.

Data de 1948 o início de uma migração maciça dos Iranxes para Utiariti, causada por fulminante ataque dos Beícos-de-pau. Com muitas mortes e feridos, grande parte dos índios procuram refúgio em Utiariti, com os padres da Missão. Os desacertos da política indigenista levada a efeito na área pelo SPI, os contínuos atritos com os seringueiros, as guerras com outras tribos indígenas, as repetidas epidemias que grassavam na região, estreitaram os laços com os padres da Missão Anchieta, que acabou funcionando como um eixo de atração de inúmeras tribos circunvizinhas, cujos membros acabavam mudando-se para lá. No seu auge chegou a ter uma população de 300 índios. Nela funcionava um hospital e um internato, onde foram educadas muitas crianças indígenas, inclusive grande parte da comunidade Iranxe.

Sob a influência direta da Missão que, desde 1948 passa a ser a referência central da comunidade, os Iranxes passaram por um processo de deculturação e descaracterização bastante profundo. Ao mesmo tempo em que há uma valorização da língua Iranxe, ocorre uma desestruturação de suas práticas tradicionais, levando-os a dependência quase total da Missão com grande perda da autonomia tribal.

A partir de 1968, a Missão, reconhecendo os efeitos negativos de sua atuação, resolve promover a volta de todas as tribos aos seus locais de origem e passa a atuar em defesa de seus territórios além de procurar assisti-los nas aldeias.

Hoje em dia, fomos encontrá-los sentindo-se desamparados, ressentidos com a Missão e com a Funai, ameaçados de invasões no seu território e tentando retomar a memória tribal, dispersa e fragmentada em virtude da interrupção de sua prática e transmissão nas gerações educadas na Missão. Um fator positivo no caminho do reencontro com sua identidade cultural foi o reestabelecimento do contato com um outro grupo

Menkú, isolado até 1971, data de sua pacificação, agora com seu território delimitado. Puderam reencontrar sua imagem perdida e re-aprendem com alguma dificuldade (sem muito entusiasmo da geração jovem que tende a se interessar menos) seu saber tradicional.

## II . IRANXE - CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA-TERRA

A reserva Iranxe se localiza no Município de Diamantino, ao norte do Estado de Mato Grosso, a 60 km. da sede da Missão Anchieta em Utiariti e a aproximadamente 650 km. de Cuiabá. A reserva encontra-se na área de jurisdição da 5a. Delegacia Regional da Funai sediada em Cuiabá, porém, na prática os Iranxe estão sob a tutela da Missão Anchieta, não existindo Posto da Funai na região.

A maior parte da reserva, cerca de 70%, é constituída de terra arenosa, e o restante argilosa. As terras arenosas são na sua maior parte constituídas de cerrados e, ao longo dos rios e córregos, por matas ciliares. No terreno argiloso a vegetação característica é campo.

O solo se caracteriza por grande acidez, exigindo para correção de 2.000 a 4.000 kg. de calcário por hectare. O P.H. não passa de 6,5 nas melhores áreas de mata, caindo para 4 em alguns locais. Toda a reserva se caracteriza por solo de pouca matéria orgânica.

Das manchas férteis, a melhor, conforme análise do solo, é a da região do córrego do Paredão.

A reserva Iranxe foi criada em 1968 pelo decreto nº 63.368, datado de 8 de outubro, pelo então Presidente A. Costa e Silva. Como os limites descritos estavam incorretos, esse decreto foi retificado por outro, datado de 27 de janeiro de 1969, os quais seguem em anexo. No entanto, pelos limites descritos nesse segundo decreto, a maior parte da área fica abaixo do paralelo 13º, quando sua posição correta seria, na

sua maior parte, acima do paralelo 13º, apresentando-se também incorreto. Essa situação foi reconhecida pela própria FUNAI, quando há cerca de dois anos atrás começou a empreender a demarcação da área, abandonada pouco depois de ser iniciada, em virtude das dúvidas sobre os limites.

Esta tem sido uma grande fonte de irritação dos índios em relação à FUNAI, para a qual pedem há anos a demarcação de suas terras. Estimadas em 62.000 hectares, a área reivindicada pelos Iranxe é totalmente cercada por fazendas que, em função da confusão de limites, tendem a se expandir pressionando os limites do território indígena.

A própria 5a. D.R. em Cuiabá não possui um mapa adequado da reserva. O único mapa que conseguimos foi uma cópia xerox, bastante apagada, na escala de 1: 1.000.000, onde não se consegue estabelecer os nomes dos rios, nem acidentes geográficos que pudessem servir de orientação. Fomos encontrar, na sede da Missão em Utiariti (onde não foi possível copiá-lo) um mapa do Ministério do Exército, folha "Rio Membeca" SD. 21.V.D.11, na escala 1:100.000, a partir do qual e com a ajuda do Pe. Moura e dos índios, foi possível a elaboração de um "croqui" da reserva (em anexo) onde estão colocados os limites reivindicados pelos índios e as áreas de atrito com as fazendas vizinhas.

A reserva se limita ao norte com a fazenda do Sr. Alberi, e de mais dois outros que brigam entre si pela posse dessas terras. Neste ano, os índios entraram em entendimento com o Sr. Alberi e conseguiram chegar a um acordo sobre os limites. No entanto, o fazendeiro iniciou a cerca e a picada em desacordo com o combinado, invadindo a reserva, derrubando o cerrado e fazendo uma roça de mandioca. Os índios reagiram não permitindo a continuação da cerca e obrigando-o a se retirar da área que continua em litígio, necessitando de constante vigilância da tribo. Com relação à mandioca plantada, os índios pretendem colhê-la quando chegar a hora.

O seu lado oeste limita-se em toda sua extensão com as terras de um Sr. "Pedrão". É um lado quase todo demarcado pela FUNAI, cuja picada que determina a linha demarcatória foi alargada e se transformou numa estrada com intenso movimento de caminhões pesados. Essa estrada acompanha quase a metade do limite oeste, afastando-se em seguida em direção ao Rio Juruena, onde alcança a cidade de Brasnort. De lá segue em direção ao norte para a cidade de Fontanilhas, e Juína. Parece haver interesse do Estado de Mato Grosso em estabelecer uma ligação melhor entre Cuiabá e as minas de ouro e cassiterita de São Francisco, havendo rumores de que pretende construir uma ponte sobre o Rio Juruena, pavimentando toda a estrada.

A partir do ponto em que a estrada para Brasnort afasta-se da reserva, outra estrada continua seguindo a linha demarcatória em direção a São Paulo do Cravari, também com bastante movimento de caminhões.

Seu limite sul encontra-se em litígio com a Fazenda Poderosa, antiga Cascavel, a qual empreendeu a derrubada do cerrado na área reivindicada pelos índios. Até agora não iniciou nenhum plantio e não chegou a derrubar a mata que margeia o córrego Paredão, cheia de seringueiras, muito importante na economia da comunidade. Até 1981 a sede e os limites da fazenda Poderosa localizavam-se a uns 10 km. ao sul. De lá para cá ocorreram vários conflitos entre grileiros pela posse dessa área, provocando até alguns assassinatos, o último deles em julho de 1983, quando foi morto um tal de Geraldo, bastante temido na região. Parece que o conflito se resolveu a favor da fazenda Poderosa que está atualmente mudando sua sede para bem próximo dos limites da reserva, agora invadidos por ela segundo os índios.

O limite oeste é marcado em toda sua extensão pelo Rio Cravari. Sua área tradicional avançava para o lado de lá desse rio, onde se encontram hoje em dia, do sul para o norte, a fazenda do "Mineirinho", a fazenda Membeca, a fazenda Alegria e mais uma fazenda da qual não conseguimos saber o nome.

Por força do limite natural que é o Rio Cravari esse lado não se encontra mais ameaçado. Porém, os índios foram bastante prejudicados quando em 1974 a Fazenda Membeca usou o desfolhante conhecido como "desfolhante laranja" próximo às margens do rio, provocando o envenenamento dos peixes. Acabou com o Pacû, com o Matrinxã e com o Piava, das poucas fontes de proteína na alimentação da tribo. Apesar do tempo decorrido os peixes escasseiam até hoje, refazendo seu número muito lentamente.

Como se pode ver a situação na área é bastante séria e tende a agravar-se.

A equipe de demarcação da FUNAI, encabeçada pelo Sr. Marostegan, constatando as falhas do Decreto, tentou junto com os índios estabelecer os limites corretos para futura demarcação. Porém não chegaram a um acordo nos seguintes pontos (ver Croquis):

1) No limite sul o Sr. Marostegan entende que a linha demarcatória inicia-se a mais ou menos dois km. ao sul da cabeceira do córrego Paredão e vai até um ponto do Rio Cravari situado a mais ou menos 4 km. da barra do córrego Paredão.

Os índios concordam com o ponto inicial da linha mas discordam do seu ponto de chegada. Entendem que ela deve ir até um ponto do Rio Cravari situado a mais ou menos 8 km da barra do Paredão. No mapa do Ministério do Exército, citado anteriormente, seria o ponto do Rio Cravari mais próximo do cruzamento da linha n° 60 (logo abaixo do paralelo 13°) com a linha n° Q2 (que acompanha os meridianos) da divisão de Mercator, que são as linhas mais grossas do mapa.

2) No limite norte, com relação à cerca da fazenda do Sr. Alberi. Segundo os índios o Sr. Marostegan parecia estar de acordo com eles, mas como a demarcação não continuou e, até agora não houve pronunciamento oficial da FUNAI a esse respeito, ficaram na dúvida, querendo confirmação.

Numa região de terras extremamente pobres, as áreas reivindicadas pelos índios, principalmente no limite sul, são



as que apresentam maior quantidade de matas e seringueiras, hoje fundamental para sua sobrevivência.

Espremidos numa área reduzida em relação a seu território tradicional, pressionados de forma sistemática e ameaçados pelas fazendas vizinhas os Iranxe encontram-se numa situação crítica. A insegurança dos limites tem impedido até mesmo suas atividades rotineiras de trabalho, abandonadas a todo momento para fazer frente às repetidas tentativas de invasão.

É extremamente urgente que se estabeleça corretamente os limites da reserva e se processe a demarcação da área, se possível incorporando toda a área reivindicada pelo grupo, que na verdade representa apenas o mínimo necessário frente às suas necessidades, levando-se em conta a má qualidade das terras na região.

### III. IRANXE - CARACTERÍSTICAS GERAIS, POPULAÇÃO E SAÚDE

A maior parte da população se concentra na aldeia Cravari, ao lado do córrego São Domingos, ou córrego Robalo, ou ainda córrego da aldeia, a uns dois km. de seu ponto de intersecção com o Rio Cravari. Lá se encontram 23 das 28 famílias que compõem uma população total de 145 pessoas. Outras duas vivem na aldeia Paredão, uma na chamada aldeia Perdiz e outras duas estão residindo na beira do Rio Sacre, fora da reserva.

As casas são de pau a pique, cobertura de folhas de buriti, chão batido, em geral com três cômodos, sendo um deles a cozinha.

A única casa que conserva a forma tradicional é a casa dos homens, onde são guardadas as flautas Jetá. É retangular, com cobertura de folha de buriti sustentada por armação de paus roliços, descendo até o chão, formando assim as paredes. A maior parte das casas rodeia o campo de futebol, em torno do qual encontram-se também as instalações da Missão:

1) a casa "dos padres", construção sôlida de pau a pique com rebôco, de grossas paredes assemelhando-se a alvenaria com cobertura de telhas de barro. Compõe-se de 4 cômodos, servindo um deles como farmácia onde ficam estocados os remédios e as pessoas são atendidas. Atrás da casa há um banheiro, com vaso sanitário, mas no momento de nossa visita, sem água, impossibilitando seu uso.

2) um galpão de madeira e teto de alumínio usado para guardar o trator, uma bateadeira de cereais, uma carreta, um arado, grade e ferramentas diversas.

3) a escola, de parede de madeira (paus roliços) e teto de alumínio, em péssimo estado de conservação, sem divisões internas.

A água utilizada é a do córrego da aldeia, aparentemente de boa qualidade, mas que parece provocar desinteria na época das chuvas. As casas não possuem banheiro e nem fossa.

#### POPULAÇÃO

Em 1947 quando pela primeira vez foram alcançadas as malocas dos Iranxe, a população foi calculada em mais ou menos 258 pessoas. Os fulminantes ataques dos Beijos de Pau, aliados à epidemias de gripe provocaram uma rápida depopulação. Em 1948 restavam apenas 90 indivíduos. Em 1951, 70, em 1952 - 55, em 1953 - 59, em 1956 - 54. Esses dados se referem à famílias Iranxe puras, pois, a partir de 1954 passaram a realizar casamentos mistos com índios de outras tribos que também frequentavam a Missão em Utiariti. Em 1965 haviam 52 Iranxes puros e em 1974 seu número baixava para 50, não havendo dados sobre o número de mestiços. Em 1979 habitavam a reserva um total de 136 pessoas, sendo 7 famílias de Iranxes puros e o restante mestiços. Em 1982 havia uma população total de 142 indivíduos, com 11 famílias de Iranxes puros e 15 famílias de mestiços. E, em 1983, por ocasião de nossa visita a população chegava a 145 pessoas, com 11 famílias de Iranxes puros e 17 famílias de mestiços.

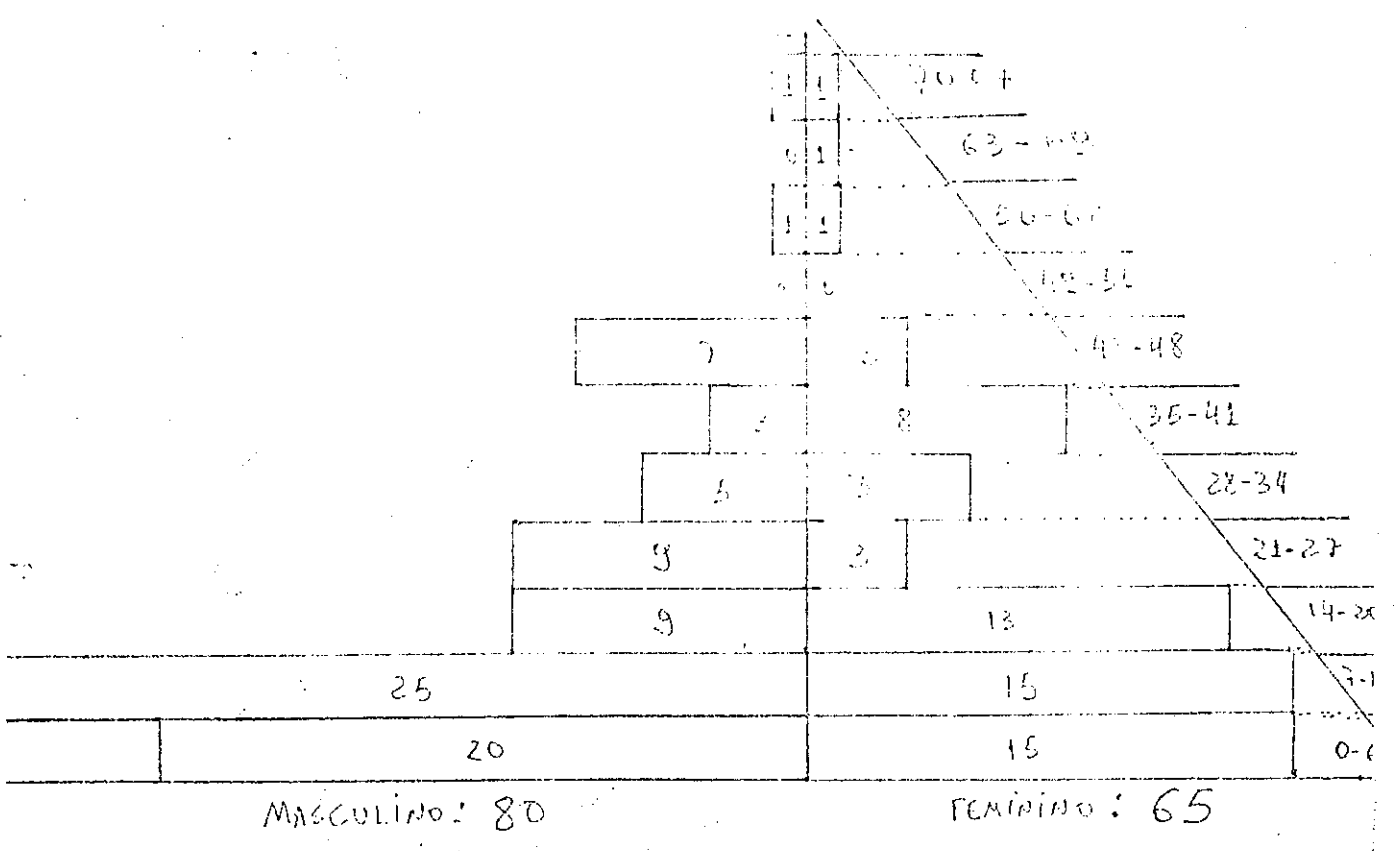
- 1947 : 250 Iranxes puros  
1948 : 90 Iranxes puros  
1951 : 70 Iranxes puros  
1952 : 55 Iranxes puros  
1953 : 59 Iranxes puros  
1954 - Início dos casamento intertribais: os primeiros se realizaram com índias Háiliti  
1956 : 54 Iranxes puros  
1965 : 52 Iranxes puros  
1974 : 50 Iranxes puros  
1979 : 136 habitantes, só 7 famílias de Iranxes puros  
1982 : 142 habitantes, 11 famílias Iranxes puros, 15 famílias mestiços  
1983 : 145 habitantes, 11 famílias Iranxe puros, 17 famílias mestiços

Em função da rapidez de nossa visita não foi possível fazer o levantamento casa por casa nesta reserva. Por outro lado o único registro da população encontrado na aldeia era de 1982, o qual completamos com a ajuda do Pe. Moura e da atendente Iranxe. Dessa forma não conseguimos determinar com precisão a origem tribal de todos os índios de outras tribos que, por via do casamento, passaram a fazer parte da comunidade Iranxe. Porém, existem casamentos com índias Pareci, Kaiabi, Cinta Larga, Rikbaktsa, Nambiquara, Munkú do Escondido, e estava marcado para o mês de novembro o casamento de uma índia Iranxe com um índio Bakairi, que já estava preparando sua mudança para a aldeia.

A menor proporção de mulheres em relação aos homens já havia sido observada entre os Iranxe, desde 1947. O material etnológico a que tivemos acesso e o pessoal da Missão com os quais tivemos contato, sugerem ser o resultado das práticas tradicionais associadas ao uso das flautas Jetá. Essas flautas de caráter sagrado, são de uso exclusivo dos homens que as to

cam na casa dos homens durante o dia ou no pátio da aldeia , durante a noite. É proibido às mulheres ou crianças vê-las, evitando-se até mesmo fazer menção de sua existência. Dizem os índios que quando uma mulher quebra esta interdição ela é encontrada morta, em decorrência do poder associado às flautas. Porém, segundo os missionários, as mulheres parecem ser mortas pelos próprios homens, provocando esse desequilíbrio entre os sexos. Tradicionais amigos dos Pareci, parece que os Iranxe já realizaram alguns casamentos intertribais até antes do contato com a sociedade nacional, os quais, a partir de seu deslocamento para a Missão (entre 1948 e 1954) passaram a se tornar prática mais comum.

A população atual da reserva, distribuída por faixas etárias forma a seguinte pirâmide populacional:



Faixa Etária	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
0-6	20	15	35
7-13	25	15	40
14-20	9	13	22
21-27	9	3	12
28-34	5	5	10
35-41	3	8	11
42-48	7	3	10
49-55	-	-	-
56-62	1	1	2
63-69	-	1	1
70 et	1	1	2
<b>TOTAIS</b>	<b>80</b>	<b>65</b>	<b>145</b>

POPULAÇÃO TOTAL: 145 pessoas

Nº de CASAS: 28

MÉDIA de HABITANTES por CASA: 5,18

Não foi encontrado na aldeia, nem na sede da Missão em Utiariti, registro de nascimentos e óbitos, nem fichas médicas individuais onde poderíamos encontrar esses dados. Provavelmente os registros de dados sobre os Iranxe devem encontrar-se na Prelazia de Diamantino, porém não obtivemos informações conclusivas a esse respeito e nem nos foi possível viajar para lá. Dessa forma, a falta de dados não permite avaliar o crescimento populacional. Pelos dados disponíveis sobre o total da população nos últimos anos ela parece se manter quase estacionária, crescendo muito pouco, mesmo com a entrada de novos membros no grupo através dos casamentos intertribais.

#### IV. SAÚDE

Até o ano de 1982 havia na reserva uma atendente de enfermagem, freira, remunerada pelo Estado com um salário mínimo, que ajudada por uma atendente índia, responsabilizava-se pela área de saúde. Nos casos de doenças graves, o paciente era removido para o Hospital de Diamantino, em veículo da Missão. A irmã foi embora no ano passado ficando todo o atendimento sob a responsabilidade da atendente índia. Ela fez um curso de atendente de enfermagem e também um curso sobre práticas medicinais indígenas, em Utiariti. Esses cursos (na verdade encontro dos raros detentores desse saber tradicional nos grupos indígenas da área de atuação da Missão), procuram, com a participação de enfermeiras "civilizadas", instrumentalizar alguns membros de cada tribo para assumir os cuidados com a saúde nas reservas, tentando recuperar ao mesmo tempo o uso das práticas tradicionais, perdidas no processo de de culturação por que passaram.

Na reserva Iranxe, essa atendente diagnostica, prescreve e aplica tratamento, faz partos e, por falta de um atendimento odontológico na área, também arranca dentes quanto necessário.

Segundo as suas informações e de outros índios, desde 1982 o fornecimento de remédios e apoio por parte da Missão vem diminuindo drásticamente. Os medicamentos parece que passaram a ser fornecidos apenas em troca de artesanato, farinha ou outra coisa qualquer. A partir daí, os índios passaram a pedir à FUNAI para atendê-los. Em 1983 os doentes graves deixaram de ser atendidos no Hospital de Diamantino e passaram a ir para a Chácara da E.V.S. em Cuiabá, onde alguns partos de índias Iranxe já foram realizados. Segundo a FUNAI, a equipe de saúde passará a visitar os Iranxe a partir de 1984.

O atendimento na área é bastante precário. Há dificuldade de transporte e comunicação, pois só existe rádio e carro em Utiariti, a 60 km. A estrada tem trechos bastante ruins, sendo necessária ainda a travessia do Rio Sacre e do Rio Papagaio através de balsas, as quais necessitam de alguns reparos para melhor funcionamento.

Há falta de remédios e de condições de trabalho para a atendente. Ela não recebe salário sendo obrigada a cobrar um pouco das pessoas para poder comprar os remédios e cobrir alguns gastos para sua própria manutenção. Segundo ela, atualmente a Missão não fornece nada ou quase nada, o trabalho é muito, deve ficar fora de casa muitas vezes, obrigando o marido a largar seus afazeres por causa dos filhos. Ela acaba não ganhando quase nada (por que os índios não tem muito), e o marido produz muito pouco na roça, insuficiente para suas necessidades.

A vacinação é efetuada desde 1974 em todas as crianças e na maioria dos adultos da reserva. As vacinas vem de Diamantino e são aplicadas pela atendente. Não nos foi possível checar sua eficácia por falta de dados mais completos. No entanto, parece que a última epidemia de sarampo ocorreu em 1977, quando provocou a morte de 5 crianças.

A febre amarela não existe mais na região, a malária é bastante rara atualmente, a tuberculose também, não havendo nenhum caso em 1983.

As doenças mais comuns são a gripe, resfriado, alguns casos de pneumonia e bronquite. É comum também a verminose e anemia. No tempo da chuva aumentam os casos de diarreia, de sinteria e vômito, havendo evacuação de sangue nos casos mais graves.

#### RECOMENDAÇÕES

É difícil fornecer um quadro mais preciso das condições de saúde dos Iranxe sem uma pesquisa mais aprofundada.

Porém, a situação encontrada nos demonstra a existência de sérios problemas nessa área. Seria aconselhável a construção de uma enfermaria, a remuneração da atendente, fornecimento regular de medicamentos e meios de transporte e comunicações.

Além disso, seria necessário a construção de fossas e tratamento de água para permitir uma diminuição dos casos de diarreia, desinteria e verminose.

#### V . ATIVIDADES PRODUTIVAS E AUTONOMIA POLÍTICA

Os Iranxe, tradicionalmente, tem sua unidade de produção e consumo na família extensa, matrilocal, o trabalho masculino tendo por base a cooperação entre genros e sogro.

A família extensa ainda preponderante tem sido cada vez mais substituída pela família elementar, os jovens casando-se e construindo casa em separado.

Cada casa/família extensa ou elementar, tem uma roça perto da aldeia, em média de 2 hectares, onde plantam milho, feijão, arroz, batata, cará, madioca (fazem farinha e beijú) e cana de açúcar (garapa com moenda manual e açúcar não refinado). Coletam principalmente favas de mel e pequi.

Caçam anta, veado campeiro, paca, cotia, tatú, porco do mato e pescam nos rios e córregos da região. Porém, a caça e a pesca são bastante escassas e poucas vezes fazem parte de



sua dieta alimentar, a qual, segundo pudemos observar, chega a ser reduzida.

A pesca, dificultada pela grande transparência das águas da região, tem melhorado um pouco ultimamente. No início do ano, os Iranxe tiveram a oportunidade de observar um fazendeiro praticando pesca submarina num dos rios da região.

Maravilhados com as possibilidades do equipamento, a prenderam a cortar vidro com tesoura, sob a água, passaram a utilizar a borracha de velhas câmaras de ar, costuradas e cobertas de resina vegetal para vedação e, com muita criatividade, estão conseguindo improvisar máscaras de mergulho e arpões com os quais surpreendem os peixes embaixo d'água.

Na ocasião em que lê estivemos havia uma frenética procura de câmaras de ar, de vidro, e uma agitação incomum, principalmente das crianças, que passavam o dia improvisando arpões, mergulhando no córrego da aldeia. Os índios chegaram a ir a Cuiabá pesquisar o preço do equipamento, constatando desolados o seu alto custo para seus poucos recursos.

Além das roças de subsistência, as famílias exploram também as seringueiras nativas das quais extraem a borracha, com uma produção anual de mais ou menos 1.500 kilos (ver localização dos seringais no croquis da reserva).

A borracha é comercializada pelos próprios índios em Cuiabá. Alguns deles tem carteira de motorista e usam o caminhão da Missão, arcando com o combustível e eventuais consertos, nada pagando pelo frete.

Produzem também algum artesanato, vendido para a FUNAI em Cuiabá ou a eventuais visitantes da aldeia ou de Utiariti.

Desde alguns anos parecem não mais trabalhar para as fazendas, constituindo-se o artesanato e, principalmente a extração da borracha em suas únicas fontes de renda monetária. Com ela devem complementar suas necessidades de subsistência com a aquisição de óleo vegetal, roupas, munição, querosene, café, sal, açúcar, medicamentos, etc.

De 1978 a 1980 foi desenvolvido um projeto comunitário em nome da tribo Iranxe (lavoura de arroz) financiado pela MISERIOR que deu um trator a implementos e pela OXFAM que financiou o combustível, reparos e compras de peças, forneceu uma trilhadeira, adubo apropriado, semente e a assistência de um técnico agrícola para orientação do plantio.

Foi previsto para 1978, o plantio de 10 ha., para 1979, 30 ha. e para 1980, 50 ha. de arroz. Na verdade se plantou 4 ha. em 1978, 20 ha. em 1979 e 35 hectares em 1980, produzindo nos três anos uma média de 20 sacas de 60 kg. por hectares.

Resultados relativamente bons mas não plenos, na opinião dos missionários. A qualidade da terra não ajudou. A roça foi feita perto do Córrego Grande, terra relativamente fértil em comparação com outras áreas da reserva. Mesmo assim depois do terceiro ano de plantio, a análise do solo ainda indicava necessidade de correção, prática bastante dispendiosa.

A produção acabou não sendo o suficiente para garantir a subsistência (um pouco prejudicada por uma menor dedicação às roças tradicionais dado o necessário envolvimento dos índios no projeto comunitário) e ainda possibilitar a continuidade do plantio.

Acabada a ajuda da OXFAM o projeto comunitário foi se extinguindo. O trator, quebrado há dois anos continua parado e se deteriorando pois a comunidade não tem dinheiro suficiente para repará-lo.

De modo geral apresentam uma profunda dependência de ajuda externa. De um lado, a necessidade de constante vigilância de seu território quebra seu ritmo de trabalho e mesmo dificulta a possível iniciativa e envolvimento em projetos autônomos de superação de suas carências. De outro lado, o estilo de trabalho da Missão provocou grande descaracterização cultural criando enorme dependência de uma orientação externa à tribo. A mudança na linha de trabalho da Missão foi muito brusca e os colocou num dilema que não conseguem superar sem uma maior assistência.

Não foi possível perceber a dinâmica das alianças e tensões internas dessa comunidade. A chefia parece não ser hereditária e se apoia para sua orientação em reuniões periódicas, sempre que necessárias, com todos os homens da tribo. A partir do estreitamento do contato com os Menkú (visitam-se regularmente) parece estar ocorrendo um processo de retomada de sua identidade tribal e o reavivamento de certas práticas tradicionais como é o caso do canto de Jetá. Ao mesmo tempo, pressionados em seus limites territoriais e com carências as mais diversas, sem contar com muita ajuda nem da Missão, nem da FUNAI, começam a se tornar mais irascíveis, abandonando as características de docilidade e timidez que parecem tê-los caracterizado no contato com a Missão. Colocam-se firmemente face aos fazendeiros e não são raras as conversas em torno de uma resistência armada contra os invasores.

#### REIVINDICAÇÕES E RECOMENDAÇÕES

Em relação à economia pretendem investir seus esforços na extração da borracha, seu recurso maior de sobrevivência. As áreas atuais dos seringais são afastadas da aldeia e as estradas internas estão em mau estado.

Reivindicam o conserto do trator, necessário para abrir e manter as estradas em boas condições. Um carro, de preferência um pequeno caminhão F 4000, para transporte de pessoal, para abertura de novos seringais e para colheita e transporte da borracha.

Pretendem, com isso, garantir uma renda monetária que lhes permita uma independência tanto em relação à Missão quanto em relação à FUNAI. A subsistência seria garantida com as roças familiares, às quais pretendem se dedicar com mais afinco.

Porém, fazem questão de frizar a todo momento, querem antes de mais nada a delimitação e demarcação definitiva de seu território, condição primordial para poderem se dedicar a seu trabalho.

## VI . EDUCAÇÃO

Anteriormente educados no internato da Missão, os índios passaram a ter escola na aldeia desde 1974, funcionando intermitentemente e com várias mudanças de professores. Pelas informações que pudemos obter, a nova escola passou a funcionar de forma bastante diferente do internato, acompanhando a nova linha de trabalho da Missão.

O horário de aula passou a ser flexível procurando adaptar-se as necessidades de trabalho da aldeia, encarando-se a educação como a participação em todo trabalho que os prepare e os insira nas tarefas comuns da tribo.

Em 1978 havia 3 turmas:

Nível A ( 8 a 10 anos) - 15 alunos: 8 meninas e 7 meninos

Nível B (11 a 14 anos) - 10 alunos: 5 meninas e 5 meninos

Nível C (15 a 20 anos) - 5 alunas

A organização do trabalho escolar era da professora , contratada pela Delegacia de Ensino de Alto Paraguai, mas pretendia-se pouco a pouco passar esta tarefa para os próprios índios.

O currículo, experimental, compreendia o ensino da língua Iranxe, Português, Matemática, Ciências, Geografia, Artesanato. Para as atividades da escola procurava-se utilizar tanto quanto possível material da própria natureza ou feito por eles, como tinta de urucum para pintura, contas do mato para numeração, etc., na intenção de valorizar seu *modus vivendi*.

Em relação à língua Iranxe ocorre o seguinte: com o aumento dos casamentos mistos, a língua Iranxe passou a ser cada vez menos usada, de vez que muitos não a conhecem. Passou então a ser preponderante o uso da língua portuguesa nas conversas do dia a dia. As crianças acabam por não aprender a língua que tende a cair pouco a pouco em desuso. Como o projeto de educação se propunha a, através da escola, promover a tomada de consciência da própria identidade, revalorizar a cultura

e a desenvolver o senso crítico face a situação de contato, o aprendizado da língua Iranxe passou a ser um objetivo dos mais importantes.

No entanto, no tempo em que funcionou parece não ter conseguido desenvolver esse item do currículo pela falta de textos escritos na língua, e pela falta de um professor bilíngue.

De 1977 a 1979 funcionou com uma professora que tinha longo tempo de experiência de ensino, formação pedagógica geral, estudos avulsos de Antropologia e curso de linguística, mas com conhecimento insuficiente da língua Iranxe, que começava a aprender.

De 1979 a 1983 a escola esteve parada. Reiniciou suas atividades no primeiro semestre de 1983 com a contratação de um índio Iranxe pela Prefeitura de Diamantino. Rapidamente no entanto a frequência começou a cair, o professor se sentindo sem apoio da comunidade e, no segundo semestre de 1983 ela foi novamente desativada.

Diferentemente das escolas em Postos Indígenas da FUNAI, esta parecia ter uma orientação pedagógica mais adequada no sentido do respeito aos valores tradicionais do grupo. No entanto, novamente a mudança de orientação parece ter sido muito brusca, não levando em consideração o longo tempo em que os membros da tribo foram educados para serem "civilizados" através de uma sistemática catequese.

Hoje em dia, para a geração mais jovem, os "valores tradicionais" parecem às vezes um retrocesso, educados que foram no sentido de sua inadequação.

Nessa área a situação também é bastante crítica, com a escola abandonada, em mau estado de conservação e sem perspectivas de continuidade.

## VII . ATUAÇÃO DA MISSÃO ANCHIETA

Apesar de todos os aspectos negativos da atuação missionária levantados no corpo do relatório, é necessária registrar que ela tem atuado firmemente na defesa do território indígena e dado o apoio na área de saúde e na das atividades produtivas.

Nos últimos anos as verbas que recebiam de organizações internacionais tem minguado drasticamente restringindo sua atuação. De uma certa forma essa barreira econômica, por si só deve ter representado um fator importante obrigando-a a mudar sua linha tradicional de trabalho.

Adequando a falta de verbas com a orientação de fazer com que os índios resolvam seus próprios problemas, a Missão tem atuado quase que só no sentido de instrumentalização dos índios. Isto é, tem promovido cursos de saúde: nutrição, higiene e práticas curativas, capacitando atendentes índias que se encarregam desse trabalho em suas aldeias.

Procura ajudar no possível para facilitar a comercialização da produção indígena, emprestando o caminhão. Incentiva e orienta o trabalho nas roças, sugerindo, por exemplo, a substituição do trigo (mais caro) pelo milho (mais barato).

Depois de décadas agindo no sentido de centralizar os índios em torno de si, procura agora descentralizar, acompanhando o trabalho nas aldeias, através de uma supervisão itinerante.

Novamente aí nota-se a importância que a falta de verbas passa a ter para a Missão: a presença de muitos índios em Utiariti começa a se tornar pesada para os missionários, na medida em que devem fornecer comida para seus visitantes.

Ao mesmo tempo em que é louvável a atual preocupação de capacitar os índios a assumir seu destino, acabando com um padrão paternalista de relacionamento, é preocupante a situação em que os Iranxe se encontram. Com sérios problemas em to

das as áreas, com poucas condições de superá-los a curto prazo, de certa forma desamparados e tendo como perspectiva um agravamento das pressões que sofrem, é urgente uma atuação mais decisiva nessa reserva.

Se a missão encontra-se sem condições para isso, seria recomendável que o Estado o fizesse, desde que estabelecesse uma política indigenista na área que levasse em conta a capacidade dos índios de se autodeterminarem. Isto é, procurando garantir seus direitos territoriais o mais rápido possível, fornecendo ajuda material e orientação técnica na área da produção, reativando a escola com um projeto educacional adequado e garantindo-lhes um atendimento sistemático na área de saúde, sempre com a participação da comunidade na tomada de todas as decisões.

Em termos práticos e imediatos os Iranxe necessitam de:

- 1) Delimitação e demarcação da reserva;
- 2) Conserto do trator e aquisição de um caminhão pequeno (talvez um F 4000;
- 3) Verba para combustível e reparo dos veículos;
- 4) Abertura de estradas para aproveitamento dos seringais nativos e melhoria das estradas existentes;
- 5) Compra de um rádio;
- 6) Construção de uma enfermaria, remuneração da atendente, fornecimento de medicamentos e equipamentos para a enfermaria;
- 7) Construção de uma nova escola e contratação de professora.



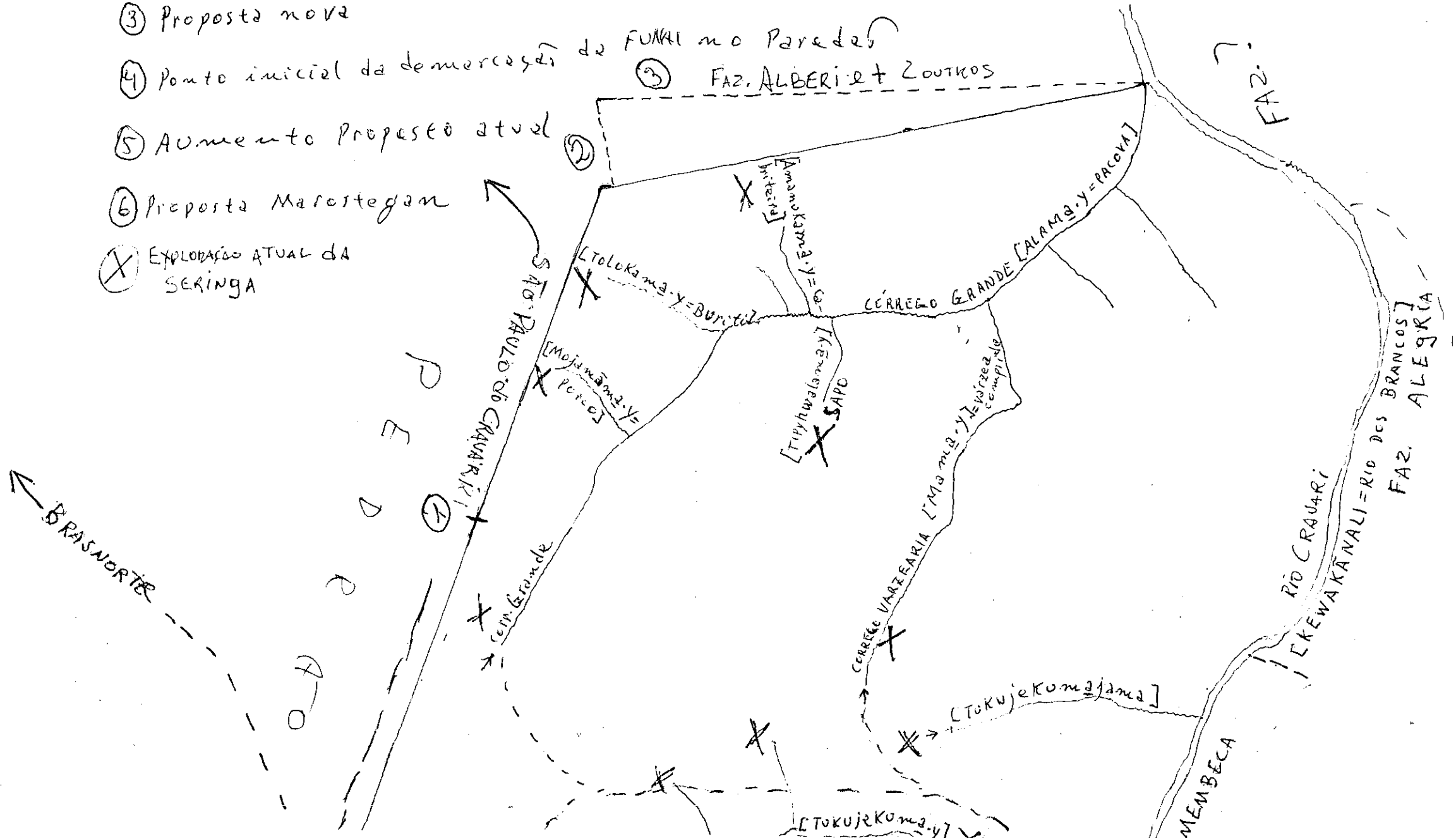


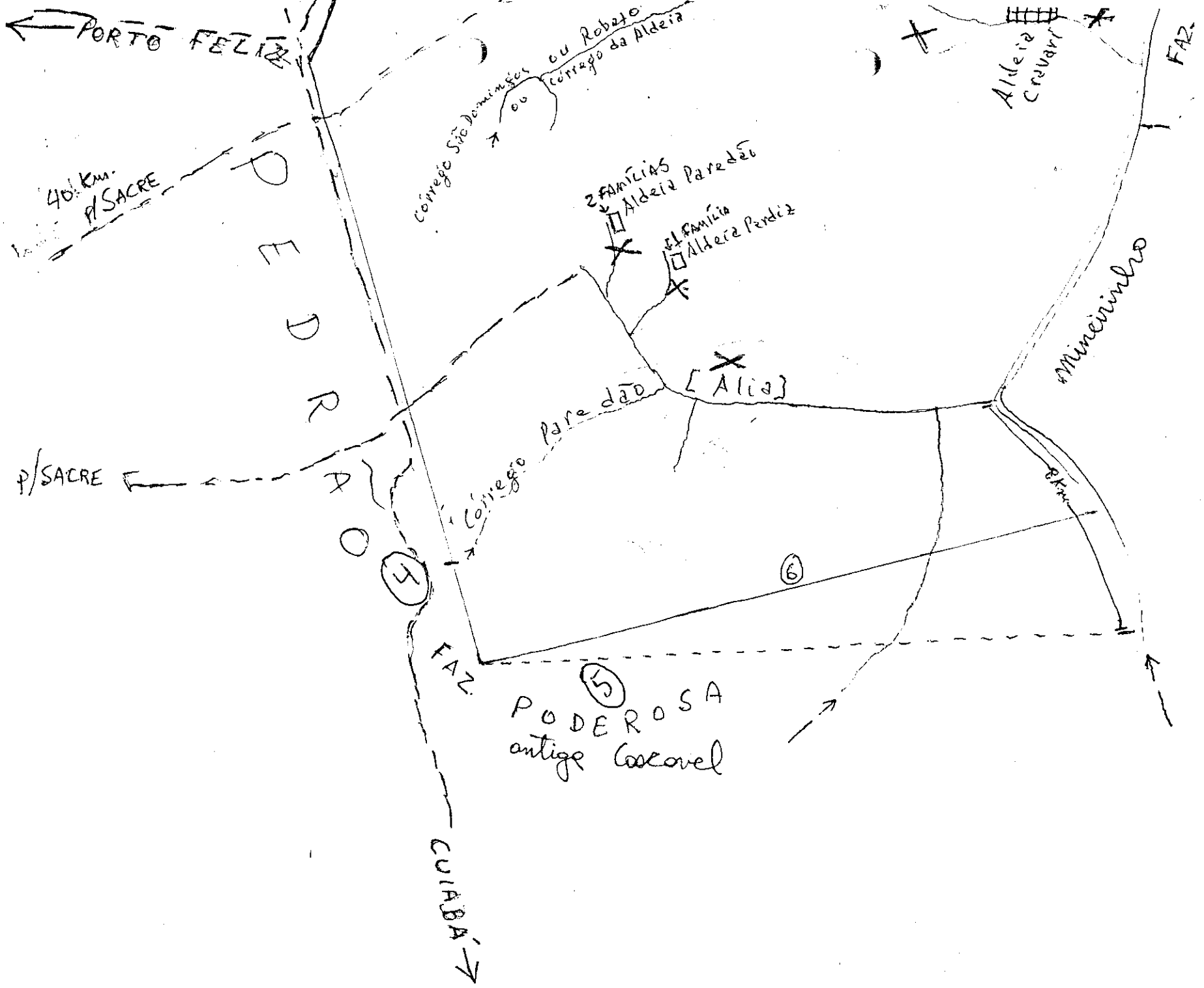


# CROQUIS DA ÁREA, IRANXE 1:100.000

↑  
N

- ① ponto final da demarcação da FUNAI (virada do Paredão para o Correio Grande)
- ② cerca Alberi
- ③ Proposta nova
- ④ ponto inicial da demarcação da FUNAI no Paredão
- ⑤ Aumento Proposta atual
- ⑥ Proposta Marostegan
- ⊗ Exploração ATUAL DA SERINGA





9